

## O Mundo do Beato João Batista Scalabrini

Sobre o tema da relação entre Scalabrini e a Eucaristia publicamos um comentário do Monsenhor Giuseppe Busani, vigário episcopal, responsável pela pastoral da diocese de Piacenza e também diretor do Departamento Litúrgico Nacional da CEI (Conferência Episcopal Italiana) e consultor do Departamento para as celebrações litúrgicas do Sumo Pontífice.

Sobre o tema da relação entre Scalabrini e a Eucaristia publicamos um comentário do Monsenhor Giuseppe Busani, vigário episcopal, responsável pela pastoral da diocese de Piacenza e também diretor do Departamento Litúrgico Nacional da CEI (Conferência Episcopal Italiana) e consultor do Departamento para as celebrações litúrgicas do Sumo Pontífice.



“No final do século XIX, em agosto de 1889, o Beato Scalabrini sentiu a necessidade de dedicar o Terceiro Sínodo única e exclusivamente ao sacramento da Eucaristia. A razão disto é dita com clareza na Carta de convocação do Sínodo, onde o bispo declara explicitamente o propósito de “dedicar-se com todas as energias a despertar no clero e nos fiéis a devoção eucarística”. As partes do documento sinodal desenvolvem, com lógica coerência, a intenção expressa na carta de convocação. O ponto de partida é a retomada da doutrina sobre a presença real a que foi dedicada toda a primeira parte.

A atenção é logo dirigida ao culto eucarístico; ao culto público do qual se trata na segunda parte e que diz respeito em particular à celebração das quarenta horas, a procissão do Corpus Christi e a Bênção Eucarística. Na terceira parte, tratando do culto privado, o documento se ocupa da prática da adoração eucarística e da visita ao Santíssimo Sacramento. As duas partes seguintes são dedicadas à Santa Comunhão, ali aparecem significativas e pontuais questões com relação à primeira comunhão, a comunhão pascal, a freqüência à comunhão e ao Viático. Uma atenção particular é dirigida ao cuidado na distribuição da comunhão e à custódia ao Santíssimo Sacramento. A sétima parte, enfim, trata da Eucaristia como sacrifício.

Mesmo de uma leitura sumária destas primeiras sete partes, das doze de que é composto o documento final, resulta com clareza que na doutrina eucarística, Scalabrini é filho do seu tempo. O esquema do Sínodo, de fato, segue fielmente os pontos da doutrina eucarística presentes nos manuais pós-tridentinos, que desenvolvem a reflexão principalmente em três capítulos: a presença real de Cristo na Eucaristia, com particular atenção à teoria escolástica da transubstanciação; a Eucaristia como sacramento, em que se tratava quase que unicamente da santa comunhão; e, enfim, o capítulo sobre a Eucaristia como sacrifício.

Quando Scalabrini se coloca do ponto de vista doutrinal segue com rigor e fidelidade o esquema propostos da época. Mas Scalabrini não se contenta com isto. De fato, antes de tudo, ele é um pastor ocupado e preocupado pelo crescimento da fé dos seus sacerdotes e dos seus fiéis. Assim, intui que esta não pode acontecer somente através de uma exposição teórica e especulativa que necessariamente resultará abstrata e, por isso, pouco persuasiva. Eis, então, que quando emerge o entusiasmo e a paixão do Pastor, a linguagem muda de registro: de expositiva torna-se exortativa; de doutrinal torna-se prática; a especulação cede lugar a um discurso envolvente que não rejeita, para atingir seu objetivo, de empregar todos os registros, inclusive aqueles do coração e dos sentidos. E aqui emerge Scalabrini inovador. O fato é singular: exatamente nos capítulos menos rigorosos e mais próximos à linguagem e às temáticas “devocionais” emergem as intuições mais vivas e, em certos aspectos, capazes de sugerir orientações significativas a nós cristãos do terceiro milênio.

Este aspecto “inovador” emerge com clareza na Carta Pastoral para a Quaresma de 1902, dedicada exatamente à Devoção ao Santíssimo Sacramento. O objetivo da Carta, afirma o próprio Scalabrini, é aquele de “recordar alguns dos pontos principais já recomendados no sínodo eucarístico que nós, com alegria viva nos nossos corações, temos celebrado a glória de Jesus Redentor, no penúltimo ano do século passado... Oh! Que a minha pobre palavra seja um raio daquele sol, que, penetrando nas vossas mentes, os faça caminhar na admirável luz de Cristo; seja uma centelha daquele fogo, que, inflamando os vossos corações, os faça arder de amor por Emanuel, o Deus conosco, escondido sob as espécies sacramentais”.

Vamos tentar agora recolher algumas das fecundas intuições presentes no texto do sínodo de 1899 e, sobretudo, na Carta pastoral de 1902, da qual nestas páginas apresentamos numerosos trechos.

### **A eucaristia, dom por excelência**

Na Carta de convocação do Sínodo, a Eucaristia é apresentada por Scalabrini como o “donum super omne donum”, o dom do qual nenhum outro é maior, o dom por excelência. É significativo que o recurso à categoria “dom” seja percebido como o único modo para fazer sair o debate teológico da difícil escolha entre eucaristia como “sacrifício” e eucaristia como “banquete” somente um século depois, no início do terceiro milênio. E isto, por obra do Papa João Paulo II, que na sua encíclica “Ecclesia de Eucharistia”, publicada em 17 de abril de 2003, utiliza muito esta categoria.

Afirma João Paulo II na encíclica: “A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor não como dom, mesmo precioso entre tantos outros, mas como o dom por excelência, porque dom de si mesmo, da sua pessoa na sua santa humanidade, dentro da sua obra de salvação” (n.11).

As discussões teológicas arriscam às vezes de conduzir a olhares unilaterais. Se de fato, alguém olha o Mistério Eucarístico com olhar de Trento vê logo “o sacrifício do altar”; se por outro lado, alguém olha a Eucaristia com olhar do Vaticano II vê “a comunidade em torno do altar”. Ficar preso num só ponto de vista pode conduzir ao erro. Uma visão fixa unicamente na categoria “sacrifício” poderia ampliar o excesso de dolorismo, ou seja, induzir a uma participação à Eucaristia muito preocupada em sentir a dor da Paixão e, fato ainda mais preocupante, é fazer depender o valor da Eucaristia da capacidade humana de sentir a dor.

A perspectiva que se fixada na categoria “banquete” arrisca, ao invés, de conduzir a um perigoso achatamento sobre a dimensão horizontal, até o ponto de colher a diferença entre uma simples reunião fraterna e a comunhão gerada pela doação total de Cristo, do dom que Cristo fez de si sobre a Cruz. “Dom”, ao invés, é uma categoria capaz de manter junto uma dimensão horizontal e a dimensão vertical, enquanto o dom por excelência é o Evento da Cruz como evento de dom até o abandono; o fruto do dom é a fraternidade, a comunhão, a convivialidade. O acesso à participação ao dom vem através do banquete, o banquete em assembléia para participar ao banquete do Cordeiro.

Surpreende positivamente encontrar em Scalabrini não só o uso da categoria de dom, referida ao Mistério Eucarístico, mas também a clara percepção das conseqüências derivadas de colocar ao centro a interpretação da Eucaristia como dom.

No mesmo texto de convocação do Sínodo, de fato, Scalabrini afirma: “A Única preocupação deste Terceiro Sínodo será, por isso, que nós e nossos fiéis encontremos nossa unidade de pensamento e de vida neste signo de unidade, neste vínculo de caridade, neste símbolo de concórdia”. Eis o motivo da surpresa: em um texto em que do conjunto de implanto teórico pode derivar como natural e lógica conseqüência que o fruto da eucaristia não pode que ser a devoção ao Santíssimo Sacramento e, em particular, a adoração eucarística; vem significativamente afirmado que o fruto real da eucaristia é a edificação da Igreja, o ser constituído em um só Corpo, “in unum corpus”, como é atestado na terceira Oração eucarística e como continuamente sublinha a teologia eucarística inspirada no Concílio Vaticano II.

### **A eucaristia, centro da experiência cristã**

Na Carta Pastoral para a Quaresma de 1902, Scalabrini, especialmente quando se dirige em modo explícito aos seus sacerdotes, utiliza-se das improvisas interrupções do discurso lógico–explicativo para entoar apaixonados convites ao exercício prático. É também nestes casos que emergem improvisas inovações até nas expressões lingüísticas. Em particular, lá onde, exortando os sacerdotes a “predicar a divina Eucaristia por tudo, sem cansar-se”, utiliza a felicíssima expressão que o Mistério eucarístico é o Mistério de fé por excelência. Dom por excelência, mistério de fé por excelência. E também neste caso Scalabrini conhece e aprofunda a riqueza de vida e de pensamento da qual é carregada a expressão “mistério”. “Mistério” se refere ao fato de que na Eucaristia está contida e atuada a História da Salvação, aquela história que atinge seu cumprimento no Mistério da morte e Ressurreição de Jesus; mistério indica também os atos de culto através dos quais se realiza a participação ao Evento fundador; e’, enfim, mistério se refere também ao ato de fé que atua na própria celebração.

Por isso, a Eucaristia é concebida por Scalabrini como “centro” da vida cristã, “ponto em direção ao qual tudo converge”. Para melhor fazer entender tal centralidade, Scalabrini, em modo pertinente, faz referência ao lugar litúrgico: “Não haja ânimo tão frio que não se sinta tocado pelo culto católico,

o qual tudo converge na Eucaristia, ao mesmo modo que nos templos elevados pelo gênio cristão, todas as linhas arquitetônicas são coordenadas ao altar”.

A Eucaristia é o centro da vida cristã, porque nela nos é dado tudo. Por isso, quem participa da Eucaristia atua a fé na plenitude e sem ambigüidade, enquanto quem pratica a Eucaristia “crê na encarnação do Verbo, a sua imolação por nós, a sua gloriosa ressurreição e ascensão ao céu”. Isto se parece com o N. 60 da Encíclica “Ecclesia de Eucharistia”: “Na Eucaristia temos Jesus, temos os seu sacrifício redentor, temos a sua ressurreição, temos o dom do Espírito Santo” (60).

Verdadeiramente, nesta perspectiva, quando, isto é, as notas do Mistério são narradas fazendo referência à história e a humanidade de Jesus, a doutrina exata sobre a presença real, que deve confrontar-se com categorias como aquela da transubstanciação, ao invés de ser omitida, calada intencionalmente, e ainda menos negada, vem enriquecida. A Eucaristia torna-se, então, a boa notícia que convida a todos a uma feliz relação com Ele.

É certo que vamos precisar esperar teólogos como Odo Casel, H. DeLubac, Karl Rahner para que esta sensibilidade encontre plena cidadania no panorama teológico da primeira metade do Novecentos e poder, assim, ser assumida pelo Concílio Vaticano II. Com Scalabrini, assistimos já ao seu feliz e incisivo, mesmo que ainda na aurora, aparecer no panorama pastoral de uma diocese italiana. É o mesmo Scalabrini a ser convicto e a tentar convencer os seus padres que “um tipo de instrução abstrata, especulativa, mesmo que excelente, não basta por si só, deve ser acompanhada pela prática”.

E nem mesmo tal aceno à “prática” é ingênuo e casual. Scalabrini fala de prática e entende se referir à arte de celebrar; a aquele modo de celebrar que nasce do empenho a “penetrar no espírito da sagrada Liturgia”. Liturgia era naquela época palavra tirada e mal entendida enquanto identificada com as sagradas cerimônias e com as regras a observar. Scalabrini, fala ao invés, de “espírito da Liturgia”. Vinte anos depois será um teólogo-filósofo da importância de R. Guardini a sentir a exigência de interrogar-se e aprofundar as características do genuíno espírito da Liturgia com o texto intitulado: “O Espírito da Liturgia, que sem dúvida, pode ser tido o mais lido e difundido entre as obras de liturgia de todo o Novecentos. Pode-se compreender já com quanta convicção o beato Scalabrini podia qualificar a Eucaristia como a “obra-prima da mente e do coração de Deus, o ponto de contato onde o finito e o infinito, a natureza e a graça se conjugam no inefável abraço da verdade e do amor por essência”.

E quando alguém chega a entender que “para além desta união não há que o céu”, não se pode deixar de pensar que se trata de um fiel que na participação à Eucaristia teve acesso ao dom daquela forma de contemplação que faz saborear algo daquela plenitude de comunhão que só no céu todos poderemos experimentar em plenitude.

## **E a devoção?**

Num texto sobre a devoção ao Santíssimo Sacramento nos deixamos fascinar por aqueles momentos em que o Bispo teólogo, de inspiração tridentina, quase despindo-se do esquema a ele familiar, se faz pastor e mestre de vida espiritual. E não nos escaparam aquelas passagens em que a Eucaristia é relida como mistério da salvação, como momento privilegiado em que a fé atua na sua verdade, como lugar em que nasce e toma forma a autêntica figura da Igreja.

Mas o que dizer da devoção ao Santíssimo Sacramento? O fato é verdadeiramente singular: exatamente no convidar a praticar adequadamente a devoção Eucarística, Scalabrini se torna inovador. Mas já a motivação é clara. E diz respeito ao modo como Scalabrini entende a devoção, que consiste em estar diante do Mistério Eucarístico com aquela atitude que nunca exclui o coração. A devoção é o espaço dado ao movimento do coração quando nos encontramos diante do mistério e consiste em elevar ao Pai um perene hino de benção e de louvor.

A preocupação especulativa leva à exatidão, mas pode conduzir também à aridez; a devoção suscita um movimento de submissão voluntária capaz de envolver sentidos e afetos e, por isso, de criar legames estáveis. “A vida eucarística, lembra Scalabrini, como aquela beata do céu, é vida de intelecto e de amor”. Portanto, não basta o conhecimento, é necessário o amor e o canto. A isto conduz a devoção.

Se Eucaristia é dom, a participação a ela requer abandono confiante e grato; se a Eucaristia é submissão voluntária incondicional de Deus ao homem, o seu desejo de ser o Deus conosco, Emanuel, não é possível ficar diante dela sem o envolvimento de todo o próprio ser, que finalmente se torna capaz de estar à sua presença pelo simples prazer de repousar junto Aquele que se faz presente na forma discreta do pão partido.

As palavras de Scalabrini sobre a Eucaristia, também lá onde são prescritas, não são nunca áridas, mas sempre férvidas e práticas e lá, onde são devocionais, não são nunca redutivas, mas sempre

iluminam a mente e movem o espírito a viver a vida em modo correspondente aquilo que celebrando se crê.

**Giuseppe Busani.**

**\* Livre tradução do texto extraído do Suplemento mensal, jornal “Il Nuovo Giornale”, do comitê diocesano para as celebrações do centenário – nº 4, supl. ao nº 6 de 18 de fevereiro de 2005.**